



Vida, Voz e Cor: narrativas territoriais pesqueiras a partir da imagem e da extensão

Life, Voice and Color: artisanal fishing territorial narratives through image and university extension

Juliana Cristina Franz¹ 

Resumo

A Geografia tem ampliado o uso de abordagens qualitativas para compreender territorialidades produzidas por sujeitos historicamente invisibilizados. Contudo, ainda são incipientes os estudos que exploram de forma sistemática a fotografia e o audiovisual como instrumentos metodológicos articulados à extensão universitária na análise das territorialidades pesqueiras. Nesse contexto, o artigo analisa como linguagens imagéticas podem contribuir para a construção de narrativas territoriais e para a valorização das identidades das comunidades da pesca artesanal no estuário da Lagoa dos Patos (RS). O estudo tem como objetivo refletir sobre as potencialidades da fotografia e do audiovisual como instrumentos metodológicos e narrativos na Geografia Cultural, articulados às práticas extensionistas. A pesquisa adota abordagem qualitativa, fundamentada na História Oral, na observação participante e no trabalho de campo realizado em comunidades pesqueiras tradicionais, com destaque para a Ilha da Torotama, Ilha dos Marinheiros e Quinta Secção da Barra. Os registros fotográficos, audiovisuais e os relatos coletados foram sistematizados em produtos extensionistas, como mostras fotográficas, produção de mídia-metragem e elaboração de cartilha comunitária. Os resultados evidenciam que a produção imagética favorece processos de reconhecimento identitário, amplia a visibilidade das territorialidades pesqueiras e fortalece os vínculos entre universidade e comunidade. Como contribuição científica, o estudo demonstra que a articulação entre imagem, trabalho de campo e extensão universitária amplia as possibilidades metodológicas da Geografia e contribui para a construção de saberes territorializados e socialmente comprometidos.

Palavras-chave: pesca artesanal; extensão universitária; Geografia Cultural; metodologias visuais; Lagoa dos Patos.

Abstract

Geography has increasingly incorporated qualitative and sensitive approaches to understand territorialities produced by historically marginalized social groups. Nevertheless, studies that systematically explore photography and audiovisual media as methodological tools articulated with university extension in the analysis of fishing

¹ Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Instituto de Ciência Humana e da Informação. Rio Grande, RS, Brasil. E-mail: julianafranz@gmail.com

territorialities remain limited. In this context, the article examines how visual languages can contribute to the construction of territorial narratives and to the recognition of identities within artisanal fishing communities in the Patos Lagoon estuary, southern Brazil. The study aims to reflect on the potential of photography and audiovisual production as methodological and narrative instruments in Cultural Geography when integrated with extension practices. The research adopts a qualitative approach grounded in Oral History, participant observation, and fieldwork conducted in traditional fishing communities, particularly in Ilha da Torotama, Ilha dos Marinheiros, and Quinta Secção da Barra. Photographic and audiovisual records, together with collected testimonies, were systematized into extension outputs such as photographic exhibitions, the production of a documentary medium-length film, and a community booklet. The results indicate that visual production strengthens processes of identity recognition, expands the visibility of fishing territorialities, and reinforces the relationship between university and community. As a scientific contribution, the study demonstrates that the articulation between visual methodologies, fieldwork, and university extension broadens methodological possibilities in Geography and supports the construction of territorially grounded and socially engaged knowledge.

Keywords: artisanal fishing; university extension; Cultural Geography; visual methodologies; Patos Lagoon.

Introdução

Narrar a vida pelas imagens, pelos sons e pelos gestos é também fazer ciência. Na Geografia, os territórios não são apenas linhas demarcadas politicamente ou áreas sobrepostas em mapas, eles são também tecidos vivos de memória, identidade, cultura e resistência. Desde que iniciei o projeto Vida, Voz e Cor dos Sujeitos(as) da Pesca Artesanal na Lagoa dos Patos – RS, venho descobrindo, junto às comunidades pesqueiras, que o espaço não se expressa apenas pela palavra escrita ou pelo gráfico cartográfico, mas, principalmente, pelos corpos, pelos rostos, pelos sorrisos, pelas dores e pelas cores que o habitam.

Este é um projeto de extensão, que se desdobra em múltiplos produtos acadêmico-culturais, curtas-metragens, mídias documentais, mostras fotográficas, rodas de conversa e cartilhas para comunidade. Nasce do compromisso com uma Geografia que reconhece os sujeitos populares como narradores e produtores de seu próprio espaço. Como Milton Santos (2008) diz, todo lugar é o palco de uma história. E é neste palco costeiro e estuarino, onde a pesca artesanal luta por permanência diante das pressões ambientais, econômicas e institucionais, que o projeto se instala e resiste.

A experiência extensionista e investigativa que conduzo junto ao Núcleo de Análises Urbanas e Culturais (NAUC) na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) tem me permitido articular ensino, pesquisa e extensão de modo indissociável e sensível. Por meio da produção audiovisual e imagética, construímos narrativas capazes de devolver às comunidades suas próprias histórias, ressignificadas e socializadas, num movimento que aproxima universidade e território. As imagens e os filmes não são aqui meros registros, como afirma Castells (2008), são veículos de comunicação de sentidos, que organizam o espaço simbólico e compõem o patrimônio cultural imaterial dessas comunidades.

Assim, o objetivo deste artigo é refletir sobre as potencialidades da fotografia e do audiovisual como instrumentos metodológicos e poéticos na Geografia, evidenciando como essas linguagens contribuem para a construção de territorialidades e para a valorização das identidades das comunidades pesqueiras da Lagoa dos Patos. Busca-se, ainda, discutir o papel da extensão universitária como prática dialógica e transformadora (Silva, 2019), capaz de articular ciência, arte e compromisso social em processos colaborativos de produção do conhecimento.

Em suma, o artigo compartilha parte da trajetória do projeto, enfatizando a utilização da fotografia e do audiovisual na interface ensino-pesquisa-extensão na Geografia. Para isso, dialogo com autores como Steinke *et al.* (2014), que discute o entrelaçamento entre geografia e fotografia, e Rios *et al.* (2016), que ressaltam a potência da imagem para capturar e traduzir símbolos e marcas do território. Além disso, a proposta revisita os fundamentos da extensão universitária, apontando os desafios e as riquezas de produzir ciência e arte de forma articulada e comprometida com a realidade social. Aqui, o projeto Vida, Voz e Cor é apresentado não apenas como um conjunto de ações, mas como uma metodologia expandida de visibilização das territorialidades pesqueiras, um ato de insurgência acadêmica e de afetividade territorial.

Metodologia

A presente experiência extensionista e investigativa insere-se no campo da Geografia Cultural, entendida aqui como uma vertente que se debruça sobre os sentidos, práticas e representações dos sujeitos no território, especialmente aqueles historicamente

invisibilizados pelas narrativas oficiais. Conforme propõe Claval (2014), a cultura, enquanto dimensão territorializada, manifesta-se nas materialidades e nas imaterialidades que organizam as relações humanas no espaço. E é a partir desse princípio que se constrói a metodologia deste trabalho, cuja característica principal é a interação dialógica, o exercício da escuta e a restituição simbólica à comunidade.

O projeto Vida, Voz e Cor dos Sujeitos(as) da Pesca Artesanal na Lagoa dos Patos adotou como caminho metodológico a abordagem qualitativa, baseada na perspectiva compreensiva e interpretativa dos fenômenos sociais (Minayo, 2001). Mais do que descrever a realidade, buscou-se compreendê-la a partir das vivências, memórias e sentimentos de quem a experimenta cotidianamente. Para tanto, utilizou-se a História Oral enquanto técnica e metodologia, pois como nos lembra Thompson (1998, p. 337), "a história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras".

As entrevistas foram realizadas em comunidades pesqueiras tradicionais do estuário da Lagoa dos Patos, com destaque para a Ilha da Torotama, a Ilha dos Marinheiros em Rio Grande e a Quinta Secção da Barra em São José do Norte, todas no estado do Rio Grande do Sul. Complementarmente às entrevistas, realizamos trabalho de campo, com uso de diário de campo, a partir da perspectiva da observação participante e registro sistemático de cenas, conversas e rituais cotidianos. As imagens fotográficas e vídeos produzidos no decorrer desses encontros não foram simples ilustrações: constituíram-se como instrumentos metodológicos e como linguagem narrativa, na medida em que o olhar da lente busca capturar aquilo que, por vezes, as palavras não alcançam. Rios *et al.* (2016) defendem a potência da imagem como signo polissêmico, capaz de construir narrativas que extrapolam o descritivo e se abrem à interpretação.

Os registros fotográficos, organizados em mostras imagéticas, e os vídeos de curta e média-metragem foram concebidos como produtos extensionistas e didático-científicos. A seleção e curadoria das imagens seguiram critérios estabelecidos coletivamente entre a equipe acadêmica e a comunidade envolvida, respeitando princípios éticos, afetivos e estéticos. Cada fotografia carrega, em si, a possibilidade de ser signo de memória e resistência, conferindo às comunidades pesqueiras a oportunidade de se ver e se narrar.

Por fim, a construção das ações de integração cultural, como espaço de circulação dos produtos audiovisuais e de oferta de serviços básicos e orientações às comunidades, configurou-se não apenas como devolutiva, mas como prática de extensão universitária

fundamentada na dialogicidade (Silva, 2019). As ações foram planejadas a partir da escuta ativa das comunidades, respeitando suas demandas e ritmos, o que conferiu legitimidade ao processo e potencializou o impacto social da ação. Assim, a metodologia adotada neste projeto reafirma o compromisso ético-político de uma Geografia engajada, sensível e comprometida com a visibilidade e valorização das territorialidades populares, articulando ensino, pesquisa e extensão de forma indissociável.

A Produção Imagética e Extensionista na Geografia

Segundo Claval (2014), a cultura é uma criação coletiva e renovada dos sujeitos que ao mesmo tempo organiza e constitui os territórios, a partir das materialidades e das imaterialidades que organizam as relações humanas no espaço. Essa perspectiva permite reconhecer que os territórios pesqueiros tradicionais da Lagoa dos Patos são continuamente produzidos e reafirmados por meio de práticas cotidianas como a pesca artesanal, festas religiosas, o carnaval e narrativas orais, configurando-se como formas de resistência cultural e afirmação identitária.

Como defende Santos (2008), o território é o chão mais a identidade, e os espaços geográficos são, antes de tudo, produtos das relações sociais, carregados de historicidade. Essa leitura embasou a opção metodológica pela fotografia e pelo audiovisual não apenas como registros ilustrativos, mas como linguagens capazes de operar como signos polissêmicos (Rios *et al.*, 2016), expressando dimensões afetivas e subjetivas do território e das comunidades.

A produção imagética, nesse sentido, não se limitou à documentação descritiva das paisagens e das práticas pesqueiras, mas foi concebida como uma mediação simbólica e narrativa, capaz de tensionar relações de poder, visibilizar sujeitos historicamente silenciados e construir novos olhares sobre os lugares. As imagens e os vídeos se tornaram veículos de narrativas insurgentes, organizando o espaço simbólico e compondo o patrimônio cultural imaterial das comunidades pesqueiras, conforme defende Castells (2008).

As narrativas orais, colhidas pela metodologia da História Oral (Thompson, 1998), revelaram não apenas aspectos descritivos das práticas produtivas e culturais, mas também memórias afetivas, denúncias e estratégias de resistência frente às pressões

urbanas, ambientais e institucionais. Associadas aos registros imagéticos, essas narrativas compuseram mostras e exposições itinerantes, realizadas tanto na universidade quanto nos territórios pesqueiros, reafirmando os vínculos comunitários e territorializando os saberes.

A articulação entre ensino, pesquisa e extensão, concretizou-se aqui em ações que produziram conhecimento novo, resgataram memórias coletivas e tensionaram os processos de invisibilização social. Assim, confirma-se o que defende Claval (2014): a cultura, quando compreendida em sua dinâmica e pluralidade, é elemento estruturante dos territórios e ferramenta estratégica para o enfrentamento das desigualdades territoriais.

Ao final, constata-se que a utilização da fotografia, do audiovisual e da História Oral, integradas à metodologia qualitativa e dialógica do projeto Vida, Voz e Cor, potencializou a produção de geografias mais humanas e socialmente referenciadas, reafirmando o papel da extensão universitária na construção de saberes territorializados, plurais e transformadores.

Imagens, Vozes e Territórios: Desdobramentos da Prática Extensionista e da Produção Imagética

Os resultados do projeto Vida, Voz e Cor dos Sujeitos(as) da Pesca Artesanal da Lagoa dos Patos materializam-se tanto em produtos acadêmico-culturais quanto em processos de reconhecimento e valorização das identidades pesqueiras tradicionais. A articulação entre audiovisual, fotografia e práticas extensionistas possibilitou que o conhecimento produzido retornasse aos territórios em diferentes linguagens, consolidando o diálogo entre universidade e comunidade.

Como nos lembra Claval (2014), os territórios são constituídos pela cultura em suas dimensões materiais e imateriais, e é nessa intersecção que se inscreve o conjunto de ações realizadas pelo projeto. Cada produto desenvolvido, seja filme, fotografia ou cartilha, não é apenas um resultado técnico, mas uma forma de expressão simbólica que comunica modos de vida, afetos e resistências. A territorialidade aqui não se apresenta como dado, mas como construção contínua, mediada pelas relações sociais e pelas experiências sensíveis de quem habita e narra o espaço.

Nesse sentido, destaco as mostras fotográficas “Vida, Voz e Cor dos Sujeitos da Pesca Artesanal da Lagoa dos Patos” e “Como as Mulheres da Torotama Fazem” (Figura 1)

circularam em diferentes espaços, entre eles o Festival do Mar (FESTIMAR), maior festividade do município do Rio Grande. A inserção das exposições neste evento, tradicionalmente voltado para celebração da relação de Rio Grande com suas águas, e resgatar memórias que atravessam gerações, representou um gesto de reconhecimento da pesca artesanal enquanto patrimônio cultural local. As fotografias, dispostas em meio à feira e ao público visitante, despertaram nos próprios moradores sentimentos de orgulho e pertencimento.

Figura 1 - Mosaico de imagens das mostras Fotográficas no evento FESTIMAR, 2025



Fonte: Acervo do projeto, 2025.

Um dos registros mais marcantes foi o relato de uma moradora, publicado em rede social, expressando a emoção de se ver representada e valorizada em um espaço público da cidade (Figura 2). Esse episódio sintetiza o que Castells (2008) descreve como a dimensão comunicacional das imagens: veículos de sentidos que organizam o espaço simbólico e conferem visibilidade a identidades antes marginalizadas. Ao devolver às comunidades a possibilidade de se reconhecerem como sujeitos de sua história e de sua paisagem, as mostras cumprem um papel que é simultaneamente científico e emancipador.

No âmbito das ações de integração cultural, destaca-se o evento “Integração Cultural na Ilha da Torotama”, realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Cristóvão Pereira de Abreu, entre os dias 30 de maio e 6 de junho de 2025. A atividade foi construída coletivamente a partir das demandas levantadas pela própria comunidade

e envolveu a participação de múltiplos parceiros institucionais, entre eles, Prefeitura Municipal do Rio Grande, Sebrae e Curso de Enfermagem da FURG.

Figura 2 - Post na rede social da moradora da comunidade pesqueira da Torotama



Fonte: Acervo do projeto, 2025.

O evento foi estruturado em dois momentos complementares, ambos orientados pela perspectiva da extensão dialógica e do fortalecimento dos vínculos entre universidade e território. No primeiro dia, 30 de maio de 2025, as ações foram voltadas à comunidade escolar, envolvendo estudantes da Educação Infantil ao Ensino de Jovens e Adultos (EJA). A programação contemplou atividades educativas e culturais, como contação de histórias, rodas de conversa e oficinas lúdicas sobre identidade e pertencimento territorial. Foram realizadas também doações de livros e dinâmicas pedagógicas sobre o cotidiano das comunidades pesqueiras, buscando estimular o reconhecimento dos saberes locais e a valorização da cultura estuarina entre os alunos (Figura 3).

Figura 3 - Mosaico de imagens da Integração Cultural com a comunidade escolar



Fonte: Acervo do projeto, 2025.

Já o segundo dia, 6 de junho de 2025, foi dedicado à comunidade em geral, configurando-se como um amplo espaço de convivência e partilha. Nessa ocasião, além da doação de mudas de plantas nativas e ornamentais, foram promovidas ações de cuidado e bem-estar, como rodas de conversa entre especialistas e a comunidade sobre saúde da pele e da mulher e saúde mental. A partir de parceria com a Prefeitura Municipal teve um mutirão para orientações e cadastro de documentação civil. A presença da Escolinha de Trânsito foi especialmente pensada para acolher as crianças enquanto suas mães participavam das atividades, trouxe um caráter de inclusão e leveza ao evento. E um café comunitário foi preparado e compartilhado ao longo da tarde, simbolizando o espírito de hospitalidade e encontro que orientou toda a ação (Figura 4).

Paralelamente às atividades, as mostras fotográficas “Vida, Voz e Cor dos Sujeitos da Pesca Artesanal da Lagoa dos Patos” e “Como as Mulheres da Torotama Fazem” foram instaladas na escola, compondo o cenário do evento e estimulando o reconhecimento dos moradores em suas próprias imagens e histórias. Como propõe Claval (2014), a cultura, ao se manifestar nas práticas cotidianas, confere ao espaço o estatuto de território vivido; e foi justamente esse o efeito observado durante o evento, as fotografias tornaram-se dispositivos de memória e pertencimento, capazes de reativar afetos e fortalecer a identidade pesqueira local. E ao final, as imagens expostas foram entregues às moradoras

retratadas, encerrando o encontro com gestos de emoção, reconhecimento e reciprocidade – uma devolutiva simbólica e material que reafirma o compromisso ético da extensão universitária com a comunidade.

Figura 4 - Mosaico de imagens da Integração Cultural com a comunidade em geral



Fonte: Acervo do projeto, 2025.

Além dessas ações, cabe também destacar a produção e o lançamento do média-metragem *Lameirão* (Figura 5), que constituiu um marco nesse percurso. Gravado em parceria com os moradores de São José do Norte, em específico da localidade denominada *Lameirão*, que dá nome ao filme, o média apresenta as territorialidades da pesca artesanal a partir das vozes e gestos dos próprios sujeitos que habitam o estuário. As imagens, registradas entre redes, embarcações e narrativas, revelam o entrelaçamento entre trabalho, memória e pertencimento, demonstrando que o território é, simultaneamente, espaço de produção e de identidade.

O lançamento do filme no Casarão do Saber e da Inovação, em agosto de 2025, reuniu protagonistas, moradores locais e autoridades, configurando-se como um momento de partilha e reconhecimento coletivo. A emoção expressa pelos participantes ao se verem na tela reafirmou o poder simbólico da imagem como instrumento de visibilização e resistência, em consonância com o que Rios *et al.* (2016) identificam como a potência polissêmica da imagem – sua capacidade de expressar o não-dito e traduzir dimensões afetivas e subjetivas do território.

Figura 5 - Lançamento do filme Lameirão em São José do Norte



Fonte: Acervo do projeto, 2025.

Outro produto resultante dessa trajetória foi a cartilha “Vida, Voz e Cor: Identidade e Resistência na Ilha da Torotama – RS” (Figura 6), elaborada e distribuída à comunidade como instrumento de valorização identitária e de devolutiva social. A cartilha reúne trechos de depoimentos, fotografias e textos reflexivos produzidos pela equipe do projeto, articulando duas dimensões fundamentais: a identidade territorial e a resistência cultural através da interpretação dos códigos culturais expressos no cotidiano da comunidade. Por meio de uma linguagem acessível e interativa, o material busca fortalecer o reconhecimento dos saberes locais e estimular a valorização das práticas tradicionais da pesca artesanal. A cartilha constitui-se, assim, como um artefato de memória viva, reafirmando o que Thompson (1998) argumenta sobre o poder da narrativa oral e compartilhada como veículo de afirmação identitária e social.

A soma dessas ações demonstra que o projeto Vida, Voz e Cor transcende a produção científica tradicional, afirmando-se como uma experiência geográfica e cultural de devolução, escuta e visibilização. As imagens, os filmes, as palavras e os encontros realizados nos territórios pesqueiros evidenciam que fazer Geografia é também construir pontes entre mundos, entre o vivido e o pensado, o popular e o acadêmico, o sensível e o científico.

Figura 6 - Cartilha Vida, Voz e Cor: Identidade e Resistência na Ilha da Torotama



Fonte: Acervo do projeto, 2025.

Essas práticas dialogam diretamente com o objetivo deste artigo: refletir sobre as potencialidades da fotografia e do audiovisual como instrumentos metodológicos e poéticos na Geografia, evidenciando como essas linguagens contribuem para a construção de territorialidades e para a valorização das identidades das comunidades pesqueiras da Lagoa dos Patos.

Dessa forma, reafirma-se o compromisso ético-político da Geografia Cultural com a valorização dos sujeitos e das territorialidades que compõem o espaço costeiro e estuarino da Lagoa dos Patos, um espaço que, ao ser narrado pelas próprias vozes que o habitam, transforma-se também em território de afetos, memórias e resistência.

Considerações Finais

A experiência construída no âmbito do projeto Vida, Voz e Cor dos Sujeitos(as) da Pesca Artesanal na Lagoa dos Patos reafirma a potência das ações extensionistas como instrumentos de transformação social e produção de conhecimento territorialmente situado. Ao optar por metodologias dialógicas e sensíveis, como a História Oral e a fotografia, a proposta ultrapassou os limites da universidade enquanto espaço formal de saber, adentrando as comunidades para ouvir, aprender e, sobretudo, compartilhar.

As produções audiovisuais, as exposições fotográficas e as ações de integração comunitárias não se limitaram a ser produtos finais, mas se tornaram meios e fins de

processos formativos para os estudantes envolvidos, de fortalecimento identitário para as comunidades e de reflexão coletiva para a sociedade regional. Tais ações contribuíram para visibilizar vozes historicamente silenciadas, reafirmando o valor cultural das práticas pesqueiras e tensionando os processos de invisibilização impostos pelos modelos produtivos contemporâneos.

Contudo, é necessário reconhecer que a extensão universitária, especialmente quando realizada em contextos territorialmente complexos e socialmente vulnerabilizados, enfrenta desafios significativos. Entre eles, destacam-se a conquista da confiança das comunidades, processo que exige tempo, presença e sensibilidade; no contexto das universidades públicas brasileiras as restrições orçamentárias e dificuldades logísticas de deslocamento são uma barreira. Além disso, os desafios da interprofissionalidade, que demandam diálogo constante entre diferentes áreas do saber.

Essas limitações, longe de desmobilizar o trabalho, evidenciam a importância de políticas institucionais e de financiamento que reconheçam o papel estruturante da extensão na produção de ciência comprometida com a realidade social. Esses desafios, contudo, reafirmam a necessidade de fortalecer políticas de Estado para a extensão, garantindo recursos, formação continuada e condições de trabalho que sustentem práticas dialógicas e transformadoras.

Este trabalho aponta que a extensão universitária, quando comprometida com o diálogo efetivo e com a escuta sensível, tem capacidade de construir saberes geográficos que reconhecem a cultura e a memória como fundamentos constitutivos do território. Ao aproximar universidade e comunidade, a prática extensionista favorece a produção de geografias mais inclusivas, solidárias e plurais, resgatando o sentido público da ciência e reafirmando o compromisso social da Geografia.

Para os ciclos futuros, permanece o desafio, e a motivação, de aprofundar as parcerias, diversificar os registros e ampliar o alcance das ações. As comunidades da Torotama, da Ilha dos Marinheiros e demais territórios pesqueiros da Lagoa dos Patos guardam uma riqueza simbólica e territorial ainda pouco explorada, mas imensamente potente para os debates sobre cultura, território, identidade e resistência.

Agradecimentos

A autora agradece à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) pelo financiamento do projeto “Vida, Voz e Cor dos Sujeitos(as) da Pesca Artesanal na Lagoa dos Patos – RS” (Termo de Outorga nº 23/2551-0000912-9). Agradece também ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro ao projeto “A cultura dos(as) sujeitos(as) da pesca artesanal na Lagoa dos Patos – RS”, aprovado na Chamada CNPq/MCTI nº 10/2023 – Universal (Processo nº 421676/2023-0), desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). A autora registra, ainda, seu reconhecimento à equipe de estudantes de graduação e pós-graduação que participou das atividades de pesquisa e extensão vinculadas ao projeto, bem como às comunidades pesqueiras da Lagoa dos Patos, especialmente das localidades da Ilha da Torotama, Ilha dos Marinheiros e Quinta Secção da Barra, pela confiança, acolhimento e partilha de suas histórias e territorialidades.

Referências

- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- CLAVAL, P. **Introdução à geografia cultural**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2014.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.
- RIOS, S. O.; COSTA, J. M. A.; MENDES, V. L. P. S. A fotografia como técnica e objeto de estudo na pesquisa qualitativa. **Revista Discursos Fotográficos**, Londrina, v.12, n. 20, p. 98-120, jan./jul. 2016. DOI: <https://doi.org/10.5433/1984-7939.2016v12n20p98>
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- SILVA, A. C. T. F. da. **Por uma extensão universitária transformadora: caminhos para uma abordagem crítica e dialógica da ação teatral**. 2019. 355 f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.
- STEINKE, V. A.; REIS JR, D. F.; COSTA, E. B.. **Geografia & fotografia: apontamentos teóricos e metodológicos**. Brasília: LAGIM, UnB, 2014.
- THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
-

Recebido em 28/11/2025. Aceito para publicação em 20/03/2026.